INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Relação entre avós-netos e o bem-estar nos netos

Andreia Susana Ferreira De Lima

Mestrado em, Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:
Doutora Sibila Fernandes Magalhães Marques, Professora Auxiliar
Instituto Universitário de Lisboa, Iscte

Co-Orientadora:
Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar
Instituto Universitário de Lisboa, Iscte

Dezembro, 2024

CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Relação entre avós-netos e o bem-estar nos netos

Andreia Susana Ferreira De Lima

Mestrado em, Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:
Doutora Sibila Fernandes Magalhães Marques, Professora Auxiliar
Instituto Universitário de Lisboa, Iscte

Co-Orientadora:
Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar
Instituto Universitário de Lisboa, Iscte

Dezembro, 2024

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a todos os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), com especial enfoque àqueles que enfrentam a dislexia no ensino superior. A esta população, que muitas vezes duvida do seu potencial e se sente desfavorecida pelo sistema, dedico esta dissertação. Eu mesma fui uma desistente, mas após um intervalo de 25 anos sem estudos, encontrei a coragem necessária para recomeçar. Hoje, com determinação, procuro dar voz a todos os alunos de NEE, que, apesar das dificuldades, têm a capacidade de alcançar os objetivos, passo a passo.

Adicionalmente, dedico este trabalho à importância das relações intergeracionais, especialmente entre avós e netos, que desempenham um papel fundamental no bem-estar emocional e psicológico dos mais jovens. A experiência e o carinho transmitidos pelos avós oferecem um apoio inestimável, contribuindo significativamente para o desenvolvimento saudável e a confiança dos netos. Esta dissertação é, em parte, um tributo à memória da minha avó, Paula Ferreira, cujo exemplo e sabedoria continuam a ser uma fonte de inspiração constante na minha vida.

Agradecimento

A realização desta dissertação só foi possível graças ao apoio, incentivo e confiança de várias pessoas, às quais manifesto a minha mais profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, cuja presença constante e amor incondicional foram a base que sustentou cada etapa deste percurso. Ao meu Pai, António Lima, expresso o mais sincero agradecimento pela confiança depositada em mim, mesmo perante a minha decisão de suspender os estudos. À minha Mãe, Teresa Lima, reconheço o apoio incondicional que ajudou a mitigar as inquietações iniciais geradas por essa escolha.

Às minhas filhas, Samira Lima e Eloá Lima, dedico esta conquista. Vocês foram a minha maior fonte de inspiração e motivação, impulsionando-me a retomar os estudos após um intervalo de 25 anos, com o objetivo de lhes transmitir a importância da educação académica.

À minha Avó, Paula Ferreira, dedico também este momento. A sua memória e exemplo continuam a ser uma inspiração, e esta conquista é, em parte, um tributo ao papel significativo que os avós desempenham nas nossas vidas.

Ao Eurico Viana, meu marido e confidente, agradeço a presença constante e o apoio inabalável em todos os momentos. A sua força silenciosa e incentivo foram fundamentais para ultrapassar os desafios que enfrentei ao longo deste percurso.

À Mestre Alexandra Lopes, manifesto o meu profundo reconhecimento pela confiança demonstrada no meu potencial e pela motivação incutida desde o início. A sua motivação foi uma luz motivacional no meu caminho.

À Doutora Cecília Honório, agradeço pelo incentivo e pelas palavras de coragem que se tornaram âncora para a decisão de retomar os estudos.

Por fim, mas com igual importância, expresso o meu mais sincero agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Sibila Marques. A sua aceitação em orientar-me, mesmo sem um conhecimento prévio, foi um gesto marcante. A sua orientação meticulosa e disponibilidade foram pilares essenciais para a concretização deste trabalho.

Agradeço também à Doutora Lídia Monteiro, minha coorientadora e coordenadora, pela orientação e apoio.

A todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho, a minha mais profunda e sincera gratidão. Obrigada por acreditarem em mim e por tornarem possível esta conquista.

Resumo

A relação entre avós e netos é única e oferece benefícios mútuos, não enriquece apenas a vida das pessoas idosas, proporcionando-lhes um sentido de propósito e ligação, mas também beneficia os netos, disponibilizando-lhes um sentido de continuidade, história familiar e valores. O presente estudo teve como objetivo analisar a perceção dos jovens adultos sobre a qualidade das suas relações com os avós e a relação desta no seu bem-estar. Cento e setenta e quatro jovens adultos (*M* = 21.9, *DP* = 2.0), responderam a um questionário que incluiu a escala de significados da grã-parentalidade, a escala de perceção dos papeis dos avós e a escala de satisfação com a vida. Os principais resultados indicaram que a grã-parentalidade, a relação e participação com os avós e a identidade familiar foram preditores significativos da satisfação com a vida. Estes resultados são discutidos à luz das suas implicações para a teoria e prática neste domínio.

Palavras-chave: laços intergeracionais; qualidade das relações avós-netos, bem-estar.

Abstract

The relationship between grandparents and grandchildren is unique and offers mutual benefits. It not only enriches the lives of older individuals, providing them with a sense of purpose and connection, but also benefits grandchildren by offering them a sense of continuity, family history, and values. This study aimed to analyse younger adults' perceptions of the quality of their relationships with their grandparents and its association with their well-being. One hundred seventy-four young adults (*M* = 21.9, *SD* = 2.0) responded to a questionnaire that included the Grandparenting Meaning Scale, the Perception of Grandparents' Roles Scale, and the Life Satisfaction Scale. The main results indicated that grandparenting, the relationship and participation with grandparents, and family identity were significant predictors of life satisfaction. These results are discussed considering their implications for theory and practice in this field.

Keywords: intergenerational bonds; quality of grandparent-grandchild relationships; well-being.

Índice

Resumo ix
Abstract vii
Índice de tabelas xi
Capítulo 1 – Introdução 1
Capítulo 2 – Enquadramento Teórico 2
2.1 Envelhecimento da população 2
2.2 As consequências do envelhecimento demográfico 3
2.3 Desafios do envelhecimento e a promoção da intergeracionalidade 4
2.4 Relações avós-netos 5
2.5 Envolvimento dos avós na vida dos netos 6
2.6 O bem-estar subjetivo e bem-estar subjetivo nos jovens 8
2.7 Relações avós-netos e o bem-estar subjetivo dos jovens 10
Hipóteses 11
Capítulo 3 – Método 12
3.1 Participantes 12
3.2 Instrumentos 12
3.2.1 Os dados sociodemográficos 12
3.2.2. Frequência de contacto com os avós 12
3.2.3. Relação e Participação com os Avós 12
3.2.4. Identidade familiar 13
3.2.5. Autorrevelação 13
3.2.6. Escala de Significados da Grã-Parentalidade (ESGP) (Peixoto, 2014) 13
3.2.7. Escala de satisfação com a vida (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) 14
3.3 Procedimento 14
Capítulo 4 – Apresentação dos resultados 16
Capítulo 5 – Discussão de resultados 19

Capítulo 6 - Conclusões 23
Referências bibliográficas 25
Anexo 1 – Consentimento Informado 32
Anexo 2 – Guião do questionário 33

Índice de tabelas

Tabela 1 - Estatísticas descritivas 16

Tabela 1 – Correlações entre as variáveiss em estudo……..16

Tabela 3 – Correlações variáveis sociodemográficas com Satisfação com a Vida, Relação e Participação, Gra Parentalidade, Identidade Familiar e Autorrevelaçães 17

Tabela 4 – Coeficiente de regressão: VD satisfação com a vida……..18

Capítulo 1 – Introdução

O envelhecimento populacional é um dos fenómenos mais significativos das últimas décadas, com implicações profundas a nível social, económico e familiar. Em Portugal, este fenómeno é particularmente relevante devido ao rápido aumento da proporção de pessoas idosas e à transformação na estrutura das famílias tradicionais. Este contexto realça a importância das relações intergeracionais, que desempenham um papel crucial no bem-estar dos indivíduos e na coesão social.

Entre essas relações, destaca-se o vínculo entre avós e netos, que combina suporte emocional e prático com a transmissão de valores culturais e familiares (Miguel et al., 2021). Estas interações não só enriquecem a vida das gerações mais velhas, proporcionando-lhes um sentido de propósito e ligação, mas também têm um impacto positivo no desenvolvimento emocional e social das gerações mais jovens. No entanto, as rápidas mudanças sociais e os desafios associados ao envelhecimento tornam necessário compreender melhor como essas relações influenciam o bem-estar de ambas as partes.

A presente dissertação centra-se no estudo das relações avós-netos, com o objetivo de investigar como os jovens adultos percebem a qualidade dessas relações e de que forma isso se associa ao seu bem-estar. Em particular, este estudo explora dimensões como a frequência do contacto, o significado atribuído à grã-parentalidade, a identidade familiar e a autorrevelação. Ao abordar este tema, a investigação contribui para preencher lacunas na literatura nacional e internacional, oferecendo insights valiosos para o desenvolvimento de estratégias que promovam o bem-estar intergeracional em contextos familiares.

A estrutura do trabalho reflete os principais objetivos propostos. O primeiro capítulo apresenta a introdução e o enquadramento teórico da pesquisa. O segundo capítulo dedica-se à revisão da literatura sobre envelhecimento, intergeracionalidade e bem-estar subjetivo. O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada, incluindo hipóteses e instrumentos de pesquisa. O quarto capítulo detalha os resultados obtidos e o quinto capítulo encerra com a discussão, conclusões e implicações práticas.

Capítulo 2 – Enquadramento Teórico

2.1 Envelhecimento da população

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que afeta tanto países desenvolvidos quanto em desenvolvimento (Fundo de População das Nações Unidas, 2012). Esse fenômeno é impulsionado por uma combinação de fatores, incluindo a diminuição das taxas de natalidade e mortalidade, e o aumento da esperança média de vida (Dias et al., 2006; Fundo de População das Nações Unidas, 2012). Essas mudanças resultam numa transformação significativa na estrutura etária das populações, trazendo desafios consideráveis para a sociedade.

As projeções demográficas indicam que essa tendência continuará no futuro. Dados do EUROSTAT mais recentes revelam que em 2023 a população de 65 anos ou mais representava 21,3% da população europeia, com uma mediana de idades de 44,5 anos (EUROSTAT, 2024). Em Portugal, a transformação demográfica é evidente, com um aumento acelerado da população idosa e uma insuficiência de nascimentos para renovar as gerações. Entre 2001 e 2011, a proporção de pessoas idosas aumentou de 16% para 19%, enquanto a proporção de jovens (0-14 anos) caiu de 16% para 15% (INE, 2012).

O relatório "Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio" destaca que o envelhecimento é uma conquista do desenvolvimento humano, refletindo avanços em saúde, nutrição e condições de vida, que aumentaram a longevidade média para mais de 80 anos em alguns países (United Nations, 2017).

Além disso, a proporção de pessoas com 80 anos ou mais está a crescer significativamente, contribuindo para uma população envelhecida com necessidades específicas de cuidados e apoio. Este grupo etário, que exige maior atenção em termos de saúde e serviços sociais, está previsto para triplicar em número até 2050, passando de 137 milhões em 2017 para 425 milhões (United Nations, 2017).

A transformação da estrutura etária também afeta as dinâmicas familiares e sociais, influenciando a forma como as gerações interagem e se apoiam mutuamente (Ramos, 2017). As relações intergeracionais tornam-se cada vez mais importantes, pois muitas famílias dependem do suporte dos avós tanto financeiramente quanto em termos de cuidados para os netos. Este fenômeno é particularmente relevante em contextos de crises econômicas e sociais, onde a coesão familiar pode mitigar alguns dos impactos negativos do envelhecimento populacional (Ramos, 2017).

Além das consequências sociais, o envelhecimento populacional apresenta desafios econômicos substanciais. Com o aumento da longevidade, há uma pressão crescente sobre

os sistemas de pensões e a necessidade de adaptar políticas de saúde e assistência social para atender a uma população idosa crescente. A sustentabilidade dos sistemas de segurança social torna-se uma preocupação crítica, exigindo reformas que garantam recursos suficientes para as futuras gerações de pessoas idosas (Pereira et al., 2018).

Portugal, sendo um dos países mais envelhecidos da Europa, enfrenta esses desafios de maneira acentuada. A pirâmide etária do país reflete uma base estreita de pessoas jovens e um topo alargado de pessoas idosas, indicando um declínio contínuo das taxas de natalidade e fecundidade (Alexandre, 2022, Rodrigues et al., 2018). A longo prazo, essas tendências demográficas implicam ajustes significativos em várias áreas, incluindo o mercado de trabalho, a saúde pública, e a política social (Roça de Almeida, 2021).

Para mitigar os efeitos negativos do envelhecimento populacional, é essencial promover um envelhecimento ativo e saudável. Isso inclui a criação de políticas que incentivem a participação das pessoas idosas na vida econômica e social, assim como a implementação de programas de saúde preventiva e de reabilitação. Iniciativas que promovam a integração e o bem-estar das pessoas idosas são cruciais para criar uma sociedade mais inclusiva e resiliente (Cabral et al., et al., 2013).

2.2 As consequências do envelhecimento demográfico

O envelhecimento demográfico, um fenômeno que afeta muitos países, incluindo Portugal, traz consigo uma série de consequências significativas para a sociedade. Segundo Marques e colaboradores (2012), esse fenômeno resulta da combinação de uma maior longevidade e de uma diminuição das taxas de natalidade, o que leva a uma transformação na estrutura etária da população.

Uma das principais consequências do envelhecimento populacional é o impacto sobre o mercado de trabalho e os sistemas de segurança social. Com uma proporção crescente de pessoas idosas em relação à população ativa, havendo uma pressão considerável sobre os sistemas de pensões, exigindo a implementação de reformas para garantir a sustentabilidade financeira desses sistemas, como o aumento da idade de reforma e a promoção do envelhecimento ativo, incentivando os idosos a permanecerem no mercado de trabalho por mais tempo (Marques et al., 2012).

Além das implicações econômicas, o envelhecimento demográfico também afeta os serviços de saúde. A maior longevidade está associada a um aumento na prevalência de doenças crônicas e na procura por cuidados de saúde prolongados. Este cenário exige investimentos em infraestruturas de saúde e na formação de profissionais especializados em geriatria para atender às necessidades de uma população envelhecida (Marques et al., 2012).

Socialmente, o envelhecimento populacional impacta a estrutura familiar e os laços intergeracionais. As famílias enfrentam desafios adicionais ao cuidar dos membros idosos, o que pode aumentar o stress e a carga financeira sobre os cuidadores. Este contexto também destaca a importância das políticas públicas que promovam a inclusão social das pessoas idosas e combatam o isolamento e a solidão (Marques et al., 2012).

Para mitigar esses desafios, é essencial uma abordagem integrada que inclua políticas de saúde preventiva, programas de reabilitação e iniciativas que promovam a participação ativa das pessoas idosas na sociedade. A criação de ambientes favoráveis ao envelhecimento ativo, como o desenvolvimento de infraestruturas acessíveis e o incentivo à participação dos idosos são passos cruciais para enfrentar as consequências do envelhecimento demográfico e promover o bem-estar da população idosa (Marques et al., 2012).

Em suma, o envelhecimento demográfico em Portugal é um fenômeno complexo que requer atenção e ação coordenada em diversas áreas, desde políticas públicas até adaptações no sistema de saúde e no mercado de trabalho. A compreensão dessas implicações é crucial para a implementação de estratégias eficazes que promovam o bem-estar da população idosa e a sustentabilidade econômica do país (Pordata, 2021). Assim, o envelhecimento demográfico tem profundas implicações tanto sociais quanto econômicas. Como já supramencionado, dessa forma, o aumento da população idosa exige uma reconfiguração das estruturas familiares e comunitárias. As famílias passam a ter um papel ainda mais crucial no cuidado das pessoas idosas, muitas vezes com os avós assumindo as responsabilidades financeiras e dos cuidados para com os netos, fortalecendo os laços intergeracionais (Ramos, 2017).

2.3 Desafios do envelhecimento e a promoção da intergeracionalidade

Para enfrentar os desafios associados ao envelhecimento demográfico, é essencial a implementação de políticas públicas abrangentes que promovam o envelhecimento ativo e saudável. Tais políticas devem incentivar a participação das pessoas idosas na vida económica e social, proporcionando oportunidades para que continuem a contribuir para a sociedade. Programas de saúde preventiva e reabilitação são cruciais para manter a autonomia e a qualidade de vida das pessoas idosas (Cabral et al., 2013).

A promoção da coesão social e do apoio intergeracional também é fundamental. Iniciativas comunitárias que incentivem a interação entre diferentes gerações podem ajudar a mitigar a solidão e o isolamento social. Além disso, a criação de redes de suporte que incluam serviços de assistência domiciliar e centros de dia pode aliviar a carga sobre as famílias e fornecer os cuidados necessários às pessoas idosas (Ramos, 2017).

2.4 Relações avós-netos

O aumento das relações entre avós e netos é um fenômeno significativo nas sociedades contemporâneas, impulsionado por mudanças demográficas, sociais e culturais. Em Portugal, a proporção de idosos tem crescido, passando de 16% em 2001 para 23% em 2021, refletindo uma maior presença de avós na vida dos netos (Pordata, 2021). Além disso, a necessidade econômica e social de apoio intergeracional aumentou, especialmente com o crescimento das taxas de emprego feminino e a procura por cuidados infantis durante o horário de trabalho (Alexandre, 2022; Rodrigues et al., 2018).

Estudos mostram que as relações entre avós e netos se intensificaram durante a pandemia de COVID-19. Devido às medidas de distanciamento social, muitas famílias recorreram ao apoio dos avós para cuidados infantis e suporte emocional. A pesquisa de Azambuja e colaboradores (2023), revela que, apesar das restrições, as relações afetivas entre avós e netos se mantiveram, com diferenças nas modalidades de interação com os avós, que incluíram formas de contacto presenciais e virtuais. As avós brasileiras e portuguesas relataram a continuidade do vínculo afetivo através de tecnologias como WhatsApp e videochamadas, destacando a importância dessas ferramentas na manutenção dos laços familiares (Azambuja et al, 2023).

As relações intergeracionais, especialmente entre avós e netos, são fundamentais para o desenvolvimento social e emocional de ambos os grupos. As importâncias destas relações proporcionam benefícios significativos, como a transmissão de valores culturais e familiares, apoio emocional e um sentimento de continuidade e pertença (Diniz & Koller, 2010).

Bronfenbrenner (2005), na sua abordagem bioecológica do desenvolvimento humano, enfatiza a importância dos processos proximais, interações recíprocas e contínuas, dentro dos microssistemas, como a família. Os avós frequentemente atuam como figuras estáveis e de suporte, oferecendo segurança emocional aos netos (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Estas interações não apenas promovem o desenvolvimento saudável dos netos, mas também contribuem para o bem-estar dos avós, proporcionando-lhes um papel ativo e significativo na família (Bowlby, 1969; 1982).

A presença dos avós pode compensar a ausência dos pais, que muitas vezes estão ocupados com responsabilidades profissionais. Este apoio pode incluir desde cuidados diários até suporte financeiro e emocional, fortalecendo os laços familiares e a coesão social (Ramos, 2017). Durante a pandemia de COVID-19, os avós desempenharam um papel ainda mais crucial, ajudando a manter a estabilidade emocional e social das famílias (Azambuja et al., 2023).

O papel intergeracional é fundamental para o desenvolvimento humano e o bem-estar familiar. A presença ativa dos avós na vida dos netos contribui para a formação de valores

culturais, morais e sociais. As interações frequentes e de qualidade entre avós e netos promovem um ambiente de apoio emocional e estabilidade, essencial para o desenvolvimento saudável das crianças (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Além disso, os avós muitas vezes atuam como mediadores e conselheiros, oferecendo uma perspetiva única baseada nas suas experiências de vida. Ajudam a transmitir histórias familiares e tradições, fortalecendo a identidade e a coesão familiar (Soares et al., 2019). O apoio intergeracional também tem sido associado a melhores resultados de saúde mental e bem-estar para os avós, que encontram um propósito e uma fonte de satisfação nas suas interações com os netos (Mansson, 2013).

Para maximizar os benefícios das relações intergeracionais, é essencial implementar estratégias de intervenção eficazes. Programas intergeracionais que promovem atividades compartilhadas entre avós e netos podem fortalecer esses laços. Tais programas devem focar na criação de oportunidades para interações significativas e na promoção de atividades que ambos os grupos possam desfrutar juntos, como projetos educativos, culturais e recreativos (Villas-Boas et al., 2017).

A educação intergeracional é outra estratégia eficaz, promovendo a compreensão mútua e o respeito entre as gerações. Estes programas educacionais podem incluir desde a participação conjunta em atividades escolares até a colaboração em projetos comunitários, incentivando a troca de conhecimentos e habilidades entre jovens e idosos (Szinovacz, 1998). Além disso, políticas públicas que apoiem o envelhecimento ativo e a inclusão dos idosos na sociedade são cruciais para criar um ambiente favorável ao desenvolvimento intergeracional (Bronfenbrenner, 2005).

Num contexto societal marcado pelos desafios do envelhecimento, é vital desenvolver políticas e práticas que promovam a coesão intergeracional. Miguel e colaboradores (2021), sugerem que a inclusão de avós em atividades escolares e comunitárias pode mitigar os efeitos do isolamento social e proporcionar um senso de propósito aos idosos

2.5 Envolvimento dos avós na vida dos netos

Nas últimas décadas, o papel dos avós dentro da estrutura familiar sofreu uma transformação significativa. Tradicionalmente considerada como figuras de apoio e cuidado, o seu papel ampliou-se no contexto da educação dos netos (Ruiz-Chila et al., 2023).

Esta evolução está diretamente associada a alterações nas estruturas familiares, como o aumento das famílias individuais e a necessidade crescente de ambos os pais trabalharem (Medero et al., 2016 como citado por Barragán-Medero, 2024). Estes fatores conduziram a uma maior dependência dos avós para os cuidados infantis, proporcionando assim uma oportunidade única de influenciar a sua educação e desenvolvimento (Medero et al., 2021

como citado por Barragán-Medero, 2024). Miguel e colaboradores (2021) destacaram que esta relação entre avós e netos não só enriquece a vida de ambos, mas proporciona-lhes também um sentido de propósito e de ligação, oferecendo às crianças e jovens um sentido de continuidade, história familiar e valores.

De acordo com Pérez-Jorge et al., (2019), estes laços inter-geracionais são essenciais para o desenvolvimento emocional e social das crianças, sendo que com a sua riqueza de experiências e conhecimentos, trazem uma situação diferente e uma perspetiva complementar da educação formal, reforçam aspetos vitais, como a empatia, o respeito e a paciência.

O impacto dos avós na educação formal e informal, bem como no bem-estar dos jovens e crianças tem sido um tema de interesse na investigação (Pérez-Jorge et al., 2019, 2021). Por exemplo, um estudo conduzido por Fernández e Martínez (2019) como citado em Barragán-Medeiro e colaboradores (2024), revelou que a integração dos avós nas atividades escolares não só enriqueceu o processo de aprendizagem, mas também impulsionou uma maior apreciação da diversidade geracional dos netos.

Muitos estudos que tentam detetar se os avós estão associados à melhoria da saúde ou do bem-estar preveem que os avós beneficiam de estar envolvidos na vida dos seus netos (por exemplo, Mahne e Huxhold 2015; Tsai et al., 2013). Estes efeitos podem depender de ajustes da vida relacionados com o grau de envolvimento dos avós, razão pela qual os avós são geralmente divididos em três grupos: a) avós com custódia, b) avós que vivem com os seus filhos e netos em famílias de três gerações e (3) avós não co-residentes (ou seja, aqueles envolvidos na vida dos seus netos sem morar com eles) (Danielsbacka et al., 2019). Os poucos estudos que consideraram a saúde ou o bem-estar dos avós que vivem em famílias de três gerações forneceram resultados mistos. Finalmente, na maioria dos casos, o envolvimento de avós não co-residentes foi associado a melhores resultados.

De acordo com Sadruddin et al., (2019), o vínculo afetivo entre avós e netos provavelmente influência os determinantes da saúde infantil, e tem o potencial de reduzir o comportamento de risco, incluindo a utilização de drogas e tabagismo entre os adolescentes. Este vínculo também pode afetar adversamente os netos, ou seja, quando os avós adotam hábitos pouco saudáveis. O estudo de Sari (2023) foi importante para esta temática, pois teve como objetivo analisar o papel da influência dos avós no bem-estar dos netos, através das perspetivas de saúde multigeracional. Os autores concluíram que, reconhecer o papel vital dos avós na promoção de melhores resultados de saúde é um passo crucial para avançar em direção a uma perspetiva multigeracional que resultará em políticas de saúde mais robustas e melhorará os resultados de saúde para as crianças.

2.6 O bem-estar subjetivo e bem-estar subjetivo nos jovens

O bem-estar mental é essencial para que a sociedade funcione corretamente, pois num estado de bem-estar, os indivíduos podem lidar com as pressões da vida, serem produtivos e contribuírem para a sociedade. Como um tema emergente da psicologia positiva, o bem-estar subjetivo reflete uma avaliação subjetiva da vida como um todo e refere-se ao que constitui "a boa vida". O elemento subjetivo do bem-estar subjetivo é essencial porque as pessoas reagem de forma distinta às mesmas circunstâncias e avaliam a vida com base nas suas próprias expetativas, valores e experiências anteriores (Diener et al., 2018).

As primeiras tentativas de conceptualização do bem-estar subjetivo utilizaram o termo de forma complementar aos conceitos de felicidade e bem-estar geral, no entanto, desde então os investigadores defenderam que o bem-estar subjetivo não é sinónimo de felicidade ou bem-estar geral, mas abrange um conjunto mais amplo de experiências e inclui valores, objetivos e necessidades de cumprimento (Cummins & Theofilou, 2013).

O termo bem-estar subjetivo pode ser compreendido como a "medida em que uma pessoa acredita ou sente que a sua vida está a correr bem" (Diener et al., 2018, p. 2). Contudo, a definição académica de bem-estar subjetivo é paradoxal dado que a sua estrutura e conceito continuam a ser debatidos (Busseri 2014). Importa referir que, as primeiras tentativas de esclarecer a estrutura do bem-estar subjetivo propuseram duas dimensões de componentes cognitivos e afetivos (Andrews & Withey, 1976; Campbell et al., 1976). Posteriormente, os investigadores sugeriram que o bem-estar subjetivo era constituído por três elementos, afeto, cognitivo e satisfação da vida (Arthaud-Day, 2005; Bradburn, 1969; Chamberlain, 1988; Diener, 1984). Ou quatro componentes, afeto, cognitivo, satisfação da vida e satisfação do domínio (Diener et al., 2018; Diener et al., 2009).

Diener (2018) sugeriu que a conceptualização do bem-estar subjetivo como tendo dois, três ou quatro componentes, deve depender da "especificidade necessária para abordar as questões de interesse de investigação". Isto destaca o facto de que o bem-estar subjetivo não é uma entidade unitária única, mas sim um conceito multidimensional de complexidades, reflete que grande parte da nossa compreensão do que o define ainda parece estar aberto à interpretação e ao debate (Diener et al., 2018).

De salientar que, nos últimos 30 anos, a ciência do bem-estar demonstrou que as medidas de bem-estar subjetivo são válidas e confiáveis (Diener et al., 2013). O bem-estar subjetivo inclui um componente afetivo, isto é, mede tanto o prazer como o afeto desagradável, bem como um componente cognitivo que se refere à satisfação com a vida como um fator consciente e um julgamento cognitivo (Adler & Seligman, 2016).

A questão de identificar se existem mudanças no bem-estar subjetivo durante o final da infância e início da adolescência só recentemente recebeu atenção por parte dos

investigadores que trabalham nesta área, apesar de ser um período em que o bem-estar subjetivo parece ter as suas próprias idiossincrasias em relação às faixas etárias anteriores e subsequentes (Viejo et al., 2018). Entre as principais razões para tal é que a maioria das pesquisas tem-se concentrado em amostras de adultos.

Os modelos que incluem o tempo como variável relevante na teorização sobre o bem-estar subjetivo fazem-no de forma genérica, pelo que se torna difícil de fazer previsões sobre as variações que podem ocorrer ao longo da vida. O estudo de González-Carrasco et al., (2020) teve como objetivo corrigir a carência de estudos longitudinais sobre o bem-estar subjetivo (BES) de adolescentes e destacar a relevância do conhecimento decorrentes destes estudos na formulação de políticas públicas para a melhoria da sua saúde e bem-estar de acordo com o estágio de desenvolvimento em que se encontram em adolescentes de 10 a 14 anos. Os resultados do estudo determinaram uma tendência decrescente com a idade, principalmente nos jovens do sexo feminino.

Inúmeros estudos demonstraram que a saúde subjetiva é um preditor fiável de doenças físicas e mentais no final da vida, e a saúde e o bem-estar subjetivo são influenciados por inumerosos fatores psicossociais durante a adolescência (Inchley et al., 2016). Os comportamentos de risco nesta fase da vida como o tabagismo, drogas e a utilização excessiva dos meios de comunicação social são associados a cargas maiores sobre a saúde subjetiva. Para além destes fatores de risco psicossociais, o bem-estar subjetivo está fortemente associado a fatores sociodemográficos, como o sexo, idade e estado socioeconómico, sendo que, as raparigas relatam deficiências no seu bem-estar subjetivo com mais frequência que os rapazes (Lampert et al., 2018).

De igual modo, o estudo HBSC – *Health Behaviour in School-aged Children* (2018), demonstrou desigualdades sociais em diversas áreas da saúde subjetiva entre crianças e adolescentes em quase todos os países e, estas desigualdades permanecem em grande parte constantes nos últimos anos (Elgar et al., 2015). A este aspeto, o estudo de Ravens-Sieberer et al., (2021) apresentou as prevalências atuais para a saúde subjetiva, a satisfação da vida e a saúde psicossomática entre crianças e adolescentes na Alemanha, com idades entre os 13 e os 15 anos a partir do estudo HBSC (2017/2018) e analisou a solução sociodemográfica e psicossocial dos fatores que influenciam o bem-estar subjetivo. Os autores concluíram que, as deficiências no bem-estar subjetivo foram particularmente evidentes nas raparigas, adolescentes mais velhos, jovens com baixos níveis de riqueza familiar e aqueles sob muita pressão na escola. Em contraste, o elevado apoio familiar foi associado a um melhor bem-estar subjetivo.

2.7 Relações avós-netos e o bem-estar subjetivo dos jovens

Quanto ao impacto positivo e/ou negativo na satisfação com a vida dos avós e netos, o envolvimento dos avós na vida dos netos pode ser significativo tanto na satisfação dos avós quanto dos netos. Estudos indicam que avós que mantêm um relacionamento próximo com os seus netos relatam níveis mais altos de satisfação com a vida. Esta relação proporciona aos avós um sentido de propósito e pertença, contribuindo para o seu bem-estar emocional e psicológico (Miguel et al., 2021). Por outro lado, o envolvimento intenso e constante pode também levar ao esgotamento físico e emocional, especialmente se os avós assumirem responsabilidades significativas no cuidado diário dos netos (Dias et al., 2006; Glaser et al., 2014).

Para os netos, a presença ativa dos avós pode oferecer um suporte emocional crucial, que complementa o papel dos pais. Este suporte manifesta-se através de conselhos, histórias de vida, e uma fonte constante de amor e motivação. Os netos que aceitam os seus avós como conselheiros e figuras indulgentes tendem a apresentar maior satisfação familiar e com a vida (Miguel et al., 2021).

A análise do impacto do envolvimento dos avós no bem-estar e na satisfação com a vida revela que a qualidade das relações intergeracionais é um fator determinante. O estudo de Miguel et al., (2021) encontrou que as perceções dos netos sobre os papéis dos avós, como conselheiros e figuras indulgentes, estão positivamente correlacionadas com a satisfação familiar e com a vida. A satisfação familiar mediou a relação entre as perceções dos avós como conselheiros e a satisfação com a vida dos netos adultos emergentes, indicando que um ambiente familiar harmonioso e de apoio pode amplificar os benefícios dessas relações intergeracionais.

Objetivos do presente estudo

De acordo com a revisão de literatura, espera-se que as relações entre avós e netos desempenhem um papel significativo no bem-estar dos jovens adultos, sendo influenciadas por fatores como a frequência de contacto, a perceção dos papéis dos avós e a capacidade de autorrevelação. Assim, este estudo tem como objetivo investigar a perceção dos jovens sobre os papéis dos avós e analisar como diferentes dimensões dessa relação estão associadas ao bem-estar subjetivo.

Desta forma, este estudo visa analisar a perceção que os jovens adultos têm sobre a qualidade das suas relações com os avós e o impacto destas no seu bem-estar. De acordo com Oliveira (2011), o envolvimento dos avós na vida dos netos pode ter um impacto positivo

na satisfação com a vida das gerações mais jovens, promovendo o seu bem-estar e adaptação. Assim, este estudo examina como essas perceções estão associadas à satisfação com a vida de jovens adultos emergentes. Partindo da revisão de literatura realizada, foi possível assim propor as hipóteses de estudo que a seguir se enunciam.

Hipóteses

Hipótese 1: Espera-se que a frequência do contacto com os avós esteja positiva e significativamente relacionada com o bem-estar dos jovens adultos.

Hipótese 2: Espera-se que o significado mais positivo atribuído à grã-parentalidade pelos jovens adultos esteja relacionado com o seu bem-estar.

Hipótese 3: Espera-se que uma maior relação e participação com os avós esteja significativamente relacionada com o bem-estar dos jovens adultos.

Hipótese 4: Espera-se que a perceção dos avós como parte integrante da identidade familiar esteja significativamente relacionada com o bem-estar dos jovens adultos.

Hipótese 5: Espera-se que a capacidade de autorrevelação junto aos avós esteja positiva e significativamente relacionada com o bem-estar dos jovens adultos

Capítulo 3 – Método

3.1 Participantes

Participaram neste estudo 174 jovens adultos, com idades compreendidas entre 18 e 25 anos (M = 21.9, DP = 2.0). A maioria dos participantes era do género feminino (52.9%) e solteira (83.9%). Em termos de escolaridade, 46.6% possuíam licenciatura.

Relativamente aos avós e a sua relação, a maior parte dos participantes (79%) relatou que pelo menos um dos seus avós ainda era vivo. As figuras mais frequentemente mencionadas como referência foram a avó materna (37.9%) e o avô paterno (26.4%). Foi observado igualmente que uma percentagem elevada (71.3%) indica que foi criado por um desses avós.

3.2 Instrumentos

3.2.1 Dados sociodemográficos

Têm como objetivo principal aferir aos dados do participante e inclui o sexo, idade, habilitações literárias, estado civil, se tem avós presentes na sua vida e a relação de parentesco.

3.2.2. Frequência de contacto com os avós

A frequência de contacto foi avaliada através de um único item do Grandparent Relationship Questionnaire de Soliz e Harwood (2006), sendo este “Com que frequência está com esse(a) avô/avó?”, pontuado numa escala tipo Likert de 6 pontos, em que 1 significa “Todos os dias” e 6 “Menos de uma vez por ano.

3.2.3. Relação e Participação com os Avós

Para medir este conceito foram apresentados 8 itens do Grandparent Relationship Questionnaire de Soliz e Harwood (2006), tais como “1 – Este(a) avô/avó pede-lhe ajuda com as tarefas que está a fazer?”, “2 – Ajuda este(a) avô/avó com os seus recados e tarefas domésticas?”, “3 – Pede ajuda a este(a) avô/avó com tarefas que esteja a fazer?”, “4 – Quando era mais novo, foi educado por este(a) avô/avó?”, “5 – Discute os seus problemas com este(a) avô/avó?”, “6 – Este(a) avô/avó dá-lhe conselhos?”. Os itens foram avaliados segundo uma medida dicotómica (1 = Sim e 0 = Não). Esta medida revelou níveis de consistência interna adequados (Alfa de Chronbach = .846).

3.2.4. Identidade familiar

Para medir o grau em que os jovens consideram que o(a) seu(sua) avô(ò) fazem parte da sua identidade familiar foram utilizados seis itens do Grandparent Relationship Questionnaire de Soliz e Harwood (2006), nomeadamente "1 – Tenho orgulho de pertencer à mesma família que este(a) avô/avó.", "2 – A família que partilho com este(a) avô/avó não é assim tão importante para mim.", "3 – Acima de tudo, penso neste(a) avô/avó como membro da minha família.", "4 – Este(a) avô/avó é um membro importante da minha família.", "5 – Sinto que somos membros de uma família." e "6 – Sinto que somos membros de famílias diferentes". As respostas a estes itens foram dadas através da utilização da escala tipo Likert de 5 pontos, em que 1 corresponde a "Discordo Totalmente" a 5 "Concordo Totalmente" (Alfa de Chronbach = .821).

3.2.5. Autorrevelação

Para avaliar uma conversa típica entre os jovens adultos e seus avós, foram utilizados seis itens do Grandparent Relationship Questionnaire de Soliz e Harwood (2006), tais como "1 – Com que frequência expressa os seus sentimentos a este(a) avô/avó.", "2 – Quanta informação pessoal fornece a este(a) avô/avó.", "3 – Quão pessoal é a informação que fornece a este(a) avô/avó.", "4 – Quanto dos seus sentimentos é que este(a) avô/avó partilha consigo.", "5 – Quanta informação pessoal é que este(a) avô/avó lhe fornece." e "6 – Quão pessoal é a informação que este(a) avô/avó lhe fornece.". Estes itens foram pontuados segundo uma escala tipo Likert de 5 pontos (1 = De modo nenhum a 5 = Muito) . (Alfa de Chronbach = .958).

3.2.6. Escala de Significados da Grã-Parentalidade (ESGP) (Peixoto, 2014)

Com o objetivo de analisar a perceção dos jovens adultos sobre os papeis desempenhados pelos avós. Escala de Significados da Grã-Parentalidade (ESGP) Peixoto (2014). Este instrumento apresenta duas versões, uma para avós (ESGP-A) e outra para os netos (ESGP-N). No presente estudo foi apenas utilizada a versão dos netos (jovens adultos). A ESGP é um instrumento de autorrelato e avalia a perceção subjetiva do participante sobre a sua experiência relacional com o avô ou avó. O instrumento foi desenvolvido para medir a existência e intensidade de várias dimensões teóricas associadas à relação. Esta escala é composta por 13 itens, nomeadamente,1 – "O/A meu/minha avô/avó dá-me dinheiro." 2 – "O meu/minha avô/avó vem até minha casa para estar comigo", 3 – "Conto ao meu/minha avô/avó os meus problemas e preocupações.", 4 – "O meu/minha avô/avó faz-me companhia quando estou sozinho.", 5 – "Quando os meus pais não estão, o meu/minha avô/avó vem ter comigo.", 6 – "Quando tenho que tomar uma decisão minha importante, peço ao meu/avô/avó a sua opinião.", 7 – "O meu/minha avô/avó permite-me coisas que os meus pais não me permitem."

8 – “Sinto-me bem quando estou com o meu/minha avô/avó.”, 9 – “O meu/minha avô/avó dá-me presentes.”, 10 – “Se tivesse tempo mais livre, passaria mais tempo com o meu/minha avô/avó.”, 11 – “Aprecio o tempo que passo com o meu/minha avô/avó.”, 12 – “O meu/minha avô/avó faz-me sentir mais adulto.”, 13 – “O meu/minha avô/avó influencia a maneira como me sinto comigo mesmo.” (Alfa de Chronbach = .923).

3.2.7. Escala de satisfação com a vida (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985)

Avalia a satisfação com a vida, sendo o mais frequentemente utilizada para avaliar este constructo. É composto por cinco itens, traduzindo o grau de concordância do indivíduo em relação às autoavaliações ou concordância? do sujeito em relação às situações descritas em cada item (por exemplo, ter-se uma vida próxima do ideal, ter condições de vida excelentes, não mudar nada se voltasse a viver de novo). A sua aplicação ocorre para avaliar a componente cognitiva Bem-Estar Subjetivo (Diener, 2000, 2012), utilizando uma escala tipo Likert de 5 pontos (1 = Discordo muito a 5 = Concordo muito), foram utilizados 5 itens, sendo eles; 1 – “A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse”, 2 - “As minhas condições de vida são muito boas”, 3 - “Estou satisfeito(a) com a minha vida”, 4 - “Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida que eu desejaria”, 5 - “Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada ”v . (Alfa de Chronbach = .904).

3.3 Procedimento

Inicialmente foi efetuada, com base no enquadramento teórico, a identificação das escalas para inclusão no questionário a aplicar aos jovens. Após esta pesquisa e selecionadas as escalas recorreu-se à tradução das mesmas, sempre que necessário.

Foi também realizado um pré-teste do questionário a aplicar no estudo. Este pré-teste teve como objetivo avaliar a adequação do protocolo à população alvo antes da recolha principal dos dados. Foi aplicado a 15 participantes, com uma média de idades de 23,7 anos (DP = 1,8), abrangendo idades entre 18 e 25 anos. A maioria dos participantes era do género masculino (53,3%). O tempo médio para responder foi de 7,7 minutos. Este procedimento permitiu identificar potenciais problemas no protocolo, garantindo que as questões fossem compreensíveis e adequadas, otimizando a recolha subsequente. O estudo foi então aplicado com recurso a um questionário, criado no qualtrics, cujo link foi distribuído através das redes sociais. Os participantes responderam ao inquérito online através do link disponibilizado (ver Anexo).

3.4 Estratégia Analítica

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (médias e respetivos desvios-padrão, valores mínimos e máximos) e estatística inferencial. Nesta, utilizou-se o coeficiente de consistência interna Alpha de Cronbach, o teste t de Student para uma amostra e o modelo de regressão linear múltipla. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi fixado em $\alpha \leq .05$.

A análise estatística foi efetuada com o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 28 para Windows.

Capítulo 4 – Apresentação dos resultados

4.1. Análise descritiva

As estatísticas descritivas dos valores obtidos nas variáveis em análise podem ser observadas na tabela seguinte. Nela, indicamos os valores mínimos e máximos, média e respetivos desvios padrão. Os valores de satisfação com a vida, grã-parentalidade, identidade familiar e autorrevelação são relativamente elevados pois são todos significativamente superiores ao ponto médio de avaliação da escala (3), $p < .05$.

Tabela 1

Estatísticas descritivas

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Escala de significado da grã-parentalidade	1,00	5,00	3,13	,87
Satisfação com a vida	1,00	5,00	3,46	,95
Relação e participação com os avós	0,00	1,00	0,73	,33
Identidade Familiar	2,67	5,00	4,12	,78
Autorrevelação	1,00	5,00	3,72	1,17
Frequência do contacto	1,00	6,00	2,64	1,49

4.2. Correlação entre as variáveis em estudo

Os coeficientes de correlação entre os constructos podem ser apreciados na tabela seguinte. A satisfação com a vida correlaciona-se de forma significativa e positiva com o significado da grã-parentalidade (r = .391), com a identidade familiar (r = .480) e com a autorrevelação (r = .250). A correlação mais elevada ocorreu entre a relação e participação com os avós e o significado da grã-parentalidade (r = .666, p < .001).

Tabela 2

Correlações entre as variáveis em estudo

		1	2	3	4	5
1	Frequência do contacto	---				
2	Satisfação com a vida	-,156*				
3	Significado da grã-parentalidade	-,557**	,391**			
4	Relação e participação com os avós	-,513**	-,006	,666**		
5	Identidade Familiar	-,357**	,480**	,505**	,109	
6	Autorrevelação	-,542**	,250**	,647**	,621**	,526**

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Os coeficientes de correlação entre os constructos e as variáveis sociodemográficas podem ser apreciados na tabela seguinte. Nesta análise, o género e a o estado civil foram transformados em variáveis dummy. A escolaridade foi tratada como variável ordinal.

Os resultados revelaram que os solteiros, quando comparados com os restantes estados civis, apresentam níveis de satisfação com a vida mais baixos. Á medida que aumenta a escolaridade aumentam também os níveis de identidade familiar. Á medida que aumenta a idade os níveis de relação e participação com os avós vão diminuindo.

Tabela 3

Correlações variáveis sociodemográficas com Satisfação com a Vida, Relação e Participação, Gra Parentalidade, Identidade Familiar e Autorrevelação

	Género (M)	Estado civil (solt)	Escolaridade	Idade
Satisfação com a Vida	-,085	-,153*	,115	-,041
Relação e Participação	,020	,049	-,027	-,162*
Gra Parentalidade	,085	-,047	,152	-,085
Identidade Familiar	-,018	-,130	,245**	,089
Autorevelação	,066	,029	,058	-,122

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

4.3. Papel preditor das variáveis relacionadas com a perceção da relação com o(a)s avós na satisfação com a vida.

Primeiramente foram verificados os pressupostos para a realização do modelo de regressão múltipla, designadamente a linearidade da relação entre as variáveis independentes e a variável dependente (análise gráfica), independência de resíduos (teste de Durbin-Watson), normalidade dos resíduos (teste de Kolmogorov-Smirnov) e homogeneidade de variâncias (análise gráfica). De uma forma global, verificou-se que estes se encontravam genericamente satisfeitos, pelo que se prosseguiu com a análise. Na análise de regressão múltipla, controlou-se o efeito do estado civil, uma vez que se verificou que o estado civil se encontrava significativamente correlacionado com a satisfação com vida.

O modelo de regressão linear múltipla, depois de controlado pela variável estado civil, explica 25.1% da Satisfação com a vida, sendo estatisticamente significativo, $F(6, 144) = 9.387$, $p \leq .001$.

A grã-parentalidade (B = .363,p=.003), a relação e participação (B = -.912, $p = .005$) e a Identidade Familiar (.263, p= .021) revelaram ser preditores significativos da satisfação com a vida. Assim, quanto mais baixos os níveis da relação e participação, e quanto mais elevados os níveis de grã-parentalidade e de identidade familiar, mais elevados foram os níveis de satisfação com a vida.

Tabela 4

Coeficientes de regressão: VD satisfação com a vida

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
Modelo	B	SE	Beta	t	Sig.
Modelo 1					
(Constant)	3,800	,192		19,742	,000
Solteiro	-,371	,208	-,144	- 1,779	,077
Modelo 2					
(Constant)	1,445	,592		2,441	,016
Solteiro	-,257	,183	-,100	-1,403	,163
Frequência com avô/avó	,031	,058	,051	,538	,591
GraParentalidade	,363	,120	,342	3,031	,003**
Relação e Participação	-,912	,318	-,329	-2,868	,005**
Identidade Familiar	,263	,113	,227	2,330	,021*
Autorevelação	,161	,086	,200	1,876	,063

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Capítulo 5 – Discussão de resultados

Os resultados deste estudo permitiram compreender melhor as relações intergeracionais entre avós e netos e a sua relação com a satisfação com a vida dos jovens adultos. A análise das hipóteses apresentou evidências relevantes, confirmando algumas expectativas e apontando áreas para investigação futura tendo como base a recolha de informação da literatura e no suponte teórico prévio.

De acordo com a hipótese 1 esperava-se que a frequência do contacto com os avós estivesse positiva e significativamente relacionada com o bem-estar dos jovens adultos.

Contrariando a hipótese inicial, a frequência de contato não apresentou uma relação significativa com o bem-estar. Embora estudos como os de Azambuja, Ramos e Pereira (2023) tenham destacado a importância do contato intergeracional durante momentos críticos, como a pandemia de COVID-19, esta pesquisa sugere que o simples contato frequente pode não ser suficiente para influenciar positivamente o bem-estar. Fatores qualitativos, como a profundidade emocional ou o suporte percebido nas interações, parecem ser mais relevantes, como indicado por Miguel et al. (2021).

Hipótese 2: Esperava-se que o significado atribuído à grã-parentalidade pelos jovens adultos estivesse positivamente relacionado com o seu bem-estar.
Esta hipótese foi confirmada. Verificou-se que os jovens adultos que atribuíam maior significado à grã-parentalidade reportaram níveis mais elevados de satisfação com a vida. Este resultado alinhou-se com estudos prévios, como os de Pérez-Jorge et al. (2019), que destacaram a relevância dos laços intergeracionais no fortalecimento de competências emocionais e sociais, como empatia e paciência. Assim, os participantes que atribuíram maior significado à grã-parentalidade relataram níveis mais elevados de satisfação com a vida. Este resultado corrobora as conclusões de Miguel et al. (2021), que enfatizaram que os avós, ao serem percebidos como figuras significativas, contribuem para o fortalecimento de competências emocionais, como empatia e paciência. Além disso, os papéis simbólicos e de suporte desempenhados pelos avós podem proporcionar um sentimento de continuidade familiar (Danielsbacka et al., 2019).

Hipótese 3: Ao contrário do que era esperado, uma relação e participação mais intensa com os avós apresentou um impacto negativo no bem-estar. Este resultado pode ser explicado por tensões ou exigências excessivas associadas à convivência frequente, especialmente quando as expectativas dos avós não estão alinhadas com as necessidades dos jovens (Glaser et al., 2014). Tal constatação ressalta a importância de explorar a qualidade das interações, em vez de apenas quantificar o envolvimento. Embora estudos como o de Miguel et al. (2021) tenha demonstrado associações positivas entre a participação

dos avós e a satisfação familiar, os resultados do presente estudo indicam hipótese não é confirmada. Possíveis explicações incluem fatores contextuais, como o distanciamento geográfico ou as dinâmicas familiares particulares, que podem ter limitado a qualidade ou a frequência das interações relatadas pelos participantes.

Hipótese 4: Como esperado, a percepção dos avós como parte integrante da identidade familiar emergiu como um preditor significativo do bem-estar subjetivo. Este resultado apoia a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (2005), que destaca a relevância dos microssistemas familiares no desenvolvimento humano. Uma forte identidade familiar promove coesão e senso de pertença, elementos cruciais para a satisfação com a vida (Diener, Oishi & Tay, 2018).

Hipótese 5: Embora tenha apresentado correlações positivas na análise descritiva, a autorrevelação não se mostrou significativa no modelo de regressão. Possivelmente, outros fatores contextuais, como a recetividade dos avós ou a qualidade do vínculo emocional, podem mediar essa relação. Soliz e Harwood (2006), sugerem que a autorrevelação é mais impactante quando ocorre em contextos de alta reciprocidade emocional, o que pode não ter sido predominante na amostra analisada. A ausência de significância estatística no modelo pode ser explicada por características específicas da amostra, como o tamanho, a composição demográfica ou o fato de a maioria dos participantes não vivenciar convivência diária com os avós. Além disso, é possível que a autorrevelação, embora importante em contextos específicos, não exerça um impacto suficientemente forte para predizer a satisfação com a vida no contexto analisado.

Esses resultados sugerem que, embora a autorrevelação não tenha emergido como um preditor significativo no modelo, ela pode desempenhar um papel relevante em contextos e condições específicas. Estudos futuros podem ser benéficos se, se explorar abordagens qualitativas ou contextos distintos para aprofundar a compreensão da relação entre autorrevelação e bem-estar intergeracional.

Numa reflexão teórica, os resultados do estudo sustentaram a importância das relações intergeracionais no bem-estar dos jovens adultos. Confirmaram-se associações significativas em várias dimensões, incluindo o significado atribuído à grã-parentalidade e à identidade familiar, evidenciando a relação destas variáveis com o bem-estar subjetivo.

Por outro lado, a ausência de uma relação positiva significativa entre a frequência, a participação e a qualidade da relação com os avós e a auto-revelação destacou a complexidade das interações familiares.

Fatores como diferenças culturais, afastamento geográfico ou mudanças nas dinâmicas familiares contemporâneas podem ter influenciado os resultados. Esta constatação reforça a necessidade de estudos futuros que explorem variáveis adicionais e contextuais para compreender melhor essas dinâmicas.

Quanto às implicações práticas, estes resultados sublinharam a importância de fomentar relações intergeracionais. Programas comunitários e políticas públicas que promovam o envolvimento dos avós na vida dos netos, como atividades escolares intergeracionais ou iniciativas comunitárias, podem contribuir para fortalecer os laços familiares e mitigar os efeitos do isolamento social.

Os resultados deste estudo reforçam a relevância de dimensões qualitativas, como o significado atribuído à grã-parentalidade e a identidade familiar, no bem-estar subjetivo dos jovens adultos. Essas pesquisas apoiam teorias como o modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2005), que destaca a centralidade das relações interpessoais nos microssistemas familiares para o desenvolvimento humano. Além disso, estudos prévios, como os de Miguel et al. (2021) e Danielsbacka et al. (2019), corroboram a ideia de que a percepção de suporte emocional e coesão familiar promove maior satisfação com a vida e bem-estar psicológico.

A nível prático, esses resultados sugerem que iniciativas intergeracionais podem ser mais eficazes ao focar no fortalecimento de laços emocionais e na promoção de uma identidade familiar coesa. Programas comunitários e escolares que incentivem atividades conjuntas, como a partilha de histórias de vida, tradições culturais e projetos colaborativos, têm o potencial de melhorar a qualidade dessas interações. Kuehne (2003) destaca que programas intergeracionais bem-sucedidos não apenas fortalecem os laços familiares, mas também contribuem para a inclusão social dos idosos, promovendo um senso de propósito e conexão.

Por exemplo, atividades como entrevistas intergeracionais, onde jovens recolhem histórias de vida dos seus avós, podem não apenas reforçar a identidade familiar, mas também contribuir para a transmissão de valores culturais e a valorização do papel dos avós na estrutura familiar. Além disso, a inclusão de avós em eventos escolares ou comunitários, como sugerido por Pérez-Jorge et al. (2019), pode fomentar a interação significativa entre as gerações e mitigar os efeitos do isolamento social.

Além disso, os resultados sugeriram que iniciativas focadas no reforço da identidade familiar e incentivo à autorrevelação podem ser estratégias eficazes para melhorar o bem-estar de jovens adultos e idosos, promovendo uma maior coesão e harmonia entre as gerações.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o uso de medidas de autorrelato, que podem estar sujeitas a vieses de desejabilidade social ou percepção pessoal dos participantes (Diener et al., 2018). Além disso, a amostra composta predominantemente por jovens adultos em contexto urbano pode limitar a generalização dos resultados para populações rurais ou outros contextos culturais. Fatores contextuais, como as mudanças provocadas pela pandemia de COVID-19, podem ter influenciado as interações intergeracionais e a percepção de bem-estar relatada pelos participantes (Azambuja et al., 2023).

Para superar essas limitações, estudos futuros devem considerar metodologias mistas, combinando questionários com entrevistas qualitativas ou observações diretas. A inclusão de análises longitudinais seria especialmente valiosa para entender como as relações avós-netos evoluem ao longo do tempo e como essas mudanças impactam o bem-estar em diferentes fases da vida. Além disso, investigações comparativas entre culturas poderiam elucidar diferenças no significado e impacto das relações intergeracionais, como sugerido por Sari (2023) na sua análise da influência multigeracional no bem-estar.

Capítulo 6 - Conclusões

O presente estudo analisou a perceção dos jovens adultos sobre a qualidade das suas relações com os avós e o impacto destas no seu bem-estar subjetivo. A relação entre avós e netos é única, oferecendo benefícios mútuos que enriquecem tanto a vida das pessoas idosas, proporcionando-lhes um sentido de propósito e ligação, como a dos netos, fornecendo um senso de continuidade, história familiar e valores compartilhados.

Os resultados do estudo indicaram que dimensões como o significado atribuído à grã-parentalidade e a identidade familiar emergiram como preditores significativos da satisfação com a vida dos jovens adultos. Estes resultados reforçam a importância dos laços intergeracionais na promoção do bem-estar ao longo das diferentes fases da vida. Além disso, a análise descritiva sugeriu que relações positivas e participativas podem contribuir para uma percepção mais elevada de suporte emocional e coesão familiar.

Por outro lado, a ausência de significância estatística entre a frequência de contato e a autorrevelação com o bem-estar destaca a complexidade das interações familiares. Estes resultados sugerem que aspetos qualitativos, como a profundidade emocional e a perceção de suporte, desempenham papéis mais determinantes do que aspetos puramente quantitativos, como a regularidade ou intensidade das interações.

As implicações práticas deste estudo apontam para a necessidade de criar e implementar programas que promovam a coesão familiar e incentivem atividades intergeracionais significativas.

Em suma, este estudo reforça o papel central das relações intergeracionais na promoção do bem-estar subjetivo dos jovens adultos, destacando a importância de uma abordagem integrada que valorize tanto os aspetos qualitativos quanto os quantitativos das interações familiares. Estes resultados apontam para intervenções práticas que promovam a valorização das conexões intergeracionais como um recurso essencial para o desenvolvimento pessoal e social.

Referências bibliográficas

Adler, A., & Seligman, M. E. P. (2016). Using wellbeing for public policy: Theory, measurement, and recommendations. *International Journal of Wellbeing*, *6*(1), 1–35. https://www.internationaljournalofwellbeing.org/index.php/ijow/article/view/429/533

Alexandre, M. (2022). Demografia, economia, saúde e segurança social: a quadratura do círculo: reflexões sobre os impactos de longo prazo de uma crise demográfica. *Handle.net*. http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/6925

Andrews, F. M., & Withey, S. B. (1976). *Social Indicators of Well-Being*. Springer US. https://link.springer.com/book/10.1007/978-1-4684-2253-5

Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações Contributos Bibliográficos (2012). REDTESS – *Rede de Cooperação e Conhecimento na Área do Trabalho, Emprego e Solidariedade Social.* https://crcvirtual.iefp.pt/wp-content/uploads/2017/06/Ano-Europeu-Env.-Ativo_cont-biblio..pdf

ArthaudDay, Marne L. (2005). Transnational Corporate Social Responsibility: A TriDimensional Approach to International CSR Research. *Business Ethics Quarterly*, *15*(1), 1–22. JSTOR.

Azambuja, R. M., Ramos, M. N., & Pereira, M. C. (2023). Avós e culturas: Relacionamentos e vivências intergeracionais em tempo de COVID-19. *Research, Society and Development*, 12(3), e27312340631. https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/40631

Barragán-Medero, F., Martín-Hernández, A., María Carmen Martínez-Murciano, & Contreras-Madrid, A. I. (2024). O papel vital dos avós na educação e desenvolvimento dos seus netos na família contemporânea. *EduSer*, *16*(1). https://eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/269

Bengtson, V. L. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 1–16. https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-3737.2001.00001.x

Bevan, J. L., & Lannutti, P. J. (2021). Introduction to the special issue: Relationships in the time of COVID-19. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(6), 1753–1758. https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/02654075211018506

Bradburn, N. M., & Noll, C. E. (1969). *The Structure of Psychological Well-being*. Chicago: Aldine Publishing Company. https://www.norc.org/content/dam/norc-org/pdfs/BradburnN_Struc_Psych_Well_Being.pdf

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. M. A. V. Veronese (Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Publicado originalmente em 1979). https://www.academia.edu/8909167/Ecologia_do_desenvolvimento_humano

Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Sage Publications. https://www.childhelp.org/wp-content/uploads/2015/07/Bronfenbrenner-U.-and-P.-Morris-2006-The-Bioecological-Model-of-Human-Development.pdf

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (2006). *The Bioecological Model of Human Development* (pp. 793–828). https://www.childhelp.org/wp-content/uploads/2015/07/Bronfenbrenner-U.-and-P.-Morris-2006-The-Bioecological-Model-of-Human-Development.pdf

Busseri, M. A. (2014). Toward a Resolution of the Tripartite Structure of Subjective Well-Being. *Journal of Personality*, *83*(4), 413–428. https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jopy.12116

Campbell, A., Converse, P. E., & Rodgers, W. L. (1976). *The Quality of American Life*. Russell Sage Foundation. https://www.russellsage.org/sites/default/files/QualityAmLife.pdf

Chamberlain, K. (1988). On the structure of subjective well-being. *Social Indicators Research*, *20*(6), 581–604. https://link.springer.com/article/10.1007/BF03359559

Cummins, R., & Theofilou, P. (2013). Quality of life research: interview with Professor Robert Cummins. *Health Psychology Research*, *1*(3), 31. https://doi.org/10.4081/hpr.2013.e31

Danielsbacka, M., Křenková, L., & Tanskanen, A. O. (2022). Grandparenting, health, and well-being: A systematic literature review. *European Journal of Ageing*, *19*(3). https://doi.org/10.1007/s10433-021-00674-y

Danielsbacka, M., Tanskanen, A. O., Coall, D. A., & Jokela, M. (2019). Grandparental childcare, health and well-being in Europe: A within-individual investigation of longitudinal data. *Social Science & Medicine*, *230*, 194–203. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2019.03.031

Dias Júnior, C. S., Costa, C. S., & Lacerda, M. A. (2006). O envelhecimento da população brasileira: uma análise de conteúdo das páginas da REBEP. *Revista Brasileira de Geriatria E Gerontologia*, *9*(2), 7–24. https://doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09022

Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, *95*(3), 542–575.

Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, *55*(1), 34–43. https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0003-066X.55.1.34

Diener, E. (2012). New findings and future directions for subjective well-being research. *American Psychologist*, *67*(8), 590–597. https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fa0029541

Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, *49*(1), 71–75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13

Diener, E., Oishi, S., & Tay, L. (2018). Advances in subjective well-being research. *Nature Human Behaviour*, *2*(4), 253–260. https://www.nature.com/articles/s41562-018-0307-6

Diener, E., Tay, L., & Oishi, S. (2013). Rising income and the subjective well-being of nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *104*(2), 267–276. https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fa0030487

Diener, E., Wirtz, D., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D., Oishi, S., & Biswas-Diener, R. (2009). Scale of Positive and Negative Experience. *PsycTESTS Dataset*. https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Ft03125-000

Diniz, E., & Koller, S. H. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar Em Revista*, *36*, 65–76. https://www.scielo.br/j/er/a/rGkKHtMrZ4rRqJS8MT6WcHs/?lang=pt

Elgar, F. J., Pförtner, T.-K., Moor, I., De Clercq, B., Stevens, G. W. J. M., & Currie, C. (2015). Socioeconomic inequalities in adolescent health 2002–2010: a time-series analysis of 34 countries participating in the Health Behaviour in School-aged Children study. *The Lancet*, *385*(9982), 2088–2095. https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)61460-4/abstract

Eurostat (2024). *Population structure and ageing - Statistics Explained*. Europa.eu. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Population_structure_and_ageing

Fundo de População das Nações Unidas. (2012). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio*. https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf

Glaser, K., Giorgio Di Gessa, Anthea Tinker. (2014). Grandparents Plus (Charity, & King's College London. Institute Of Gerontology. *Grandparenting in Europe : the health and wellbeing of grandparents caring for grandchildren: the role of cumulative advantage/disadvantage*. Grandparents Plus. https://www.researchgate.net/publication/356716512_A_prestacao_de_cuidados_pelos_avos_na_Europa_as_politicas_familiares_e_o_papel_dos_avos_na_prestacao_de_cuidados_infantis

González-Carrasco, M., Sáez, M., & Casas, F. (2020). Subjective Well-Being in Early Adolescence: Observations from a Five-Year Longitudinal Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(21), 8249. https://www.mdpi.com/1660-4601/17/21/8249

Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) Study Protocol: background, methodology and mandatory items for the 2017/18 survey. St Andrews: CAHRU; 2018. https://isamb.medicina.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2019/01/Ideias-a-reter-HBSC-2018_Final.pdf

Magalhães, M., & Hill, H. (1998). *A Construção de um Questionário*. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/469/4/DINAMIA_WP_1998-11.pdf

Inchley, J., Currie, D., Young, T., Oddrun Samdal, Torbjørn Torsheim, Augustson, L., Mathison, F., Aleman-Diaz, A. Y., Molcho, M., Weber, M. W., Barnekow, V., & World Health Organization. Regional Office For Europe. (2016). *Growing up unequal: gender and socioeconomic differences in young people's health and well-being: Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC) Study: international report from the 2013/2014 survey*. World Health Organization Regional Office For Europe. https://www.who.int/europe/publications/i/item/9789289051361

Instituto Nacional de Estatística. (2012). *Estatísticas Demográficas*. Www.ine.pt. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=375198&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt

Kuehne, V. S. (2003). The State of Our Art. *Journal of Intergenerational Relationships*, *1*(2), 79–94. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J194v01n02_07

Lampert, T., Schmidtke, C., Borgmann, L.-S., Poethko-Müller, C., & Kuntz, B. (2018). *The subjective health of adults in Germany*. https://edoc.rki.de/handle/176904/5688

Mahne, K., & Oliver Huxhold. (2015). Grandparenthood and Subjective Well-Being: Moderating Effects of Educational Level, The Journals of Gerontology: Series B, Volume 70, Issue 5, September 2015, Pages 782–792. https://doi.org/10.1093/geronb/gbu147

Mansson, D. H. (2013). Affectionate Communication and Relational Characteristics in the Grandparent–Grandchild Relationship. *Communication Reports*, *26*(2), 47–60. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08934215.2013.798670

Cabral, M.V, Ferreira, P., Alcântara Da Silva, P., & Jerónimo, P. (2013). *Usos do tempo, redes sociais e condições de vida.* https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-08/processos-de-envelhecimento-em-portugal.pdf

Marques, S., Batista, M., Silva, P., Alcântara. (2012). *A promoção do envelhecimento ativo em Portugal: preditores da aceitação de um chefe mais velho.* https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10581.pdf

Miguel, I., Araújo, A. M., Fernandes, S., Carneiro, L., & Fernandes, P. (2021). Are perceptions of grandparenthood related to family and life satisfaction? A study with emerging adults. *Journal of Social and Personal Relationships*, 026540752098115. https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0265407520981152

Oliveira, C. M. N. de. (2011). *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. Www.repository.utl.pt. https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10400.5/3100

Oliveira, J. A. S. de, & Ramos, M. N. P. (2021). Conflitos Intergeracionais na Família e Saúde Mental dos Idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, *24*(1), 213–231. https://doi.org/10.23925/2176-901X.2021v24i1p213-231

Peixoto, R., & Gonçalves, C. M. (2014). Adaptação da Escala de Significados da Grã-Parentalidade - Versão Avós à população portuguesa. Laboratório de Psicologia, 12(2). https://doi.org/10.14417/lp.855

Peixoto, R. (2015). *A relação entre avós e netos. Efeitos no desenvolvimento vocacional, na construção de significados de trabalho e no auto-conceito académico*. Doctoral Thesis, University of Porto. https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-08/processos-de-envelhecimento-em-portugal.pdf

Pereira, D., Ponte, F., & Costa, E. (2018). Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. *Análise Psicológica*, *36*(1), 31–46. http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/1341

Pérez-Jorge, D., Barragán-Medero, F., Herrera-Hernández, J. M., & Falcón-Chueca, S. (2019). Health Programme Evaluation and the Improvement of Quality of Care: An Orthogeriatrics Programme Case Study. *EURASIA Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, *15*(11). https://www.ejmste.com/download/health-programme-evaluation-and-the-improvement-of-quality-of-care-an-orthogeriatrics-programme-case-7726.pdf

Pérez-Jorge, D., González-Luis, M. A., Rodríguez-Jiménez, M. del C., & Ariño-Mateo, E. (2021). Educational Programs for the Promotion of Health at School: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *18*(20), 10818. https://www.mdpi.com/1660-4601/18/20/10818

Pordata. (2021). Censos, resultados em Portugal e por concelho. [*Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*]. (2019). https://www.pordata.pt/pt

Ramos, N. (2017). Apresentação. A voz dos avós: família e sociedade. *A Voz Dos Avós: Família E Sociedade*, *Volume 4. Estudos sobre a família*, 7–10. https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9811/1/Ramos%2c%202017%20Apresenta%c3%a7%c3%a3o.pdf

Ravens-Sieberer U, Kaman A, Erhart M, Devine J, Schlack R, Otto C, Impact of the COVID 19 pandemic on quality of life and mental health in children and adolescents in Germany, European Child & Adolescent Psychiatry, 2021. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3721508

Roça De Almeida, C., Doutora, S., Maria, P., & Gonçalves. (2021). *A Transição da Vida Ativa para a Reforma em Portugal: Perspetiva dos indivíduos com mais de 55 anos*. Retrieved December 3, 2024, from https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/24412/1/Trabalho%20Final.pdf

Rodrigues, A. M., Gregório, M. J., Sousa, R. D., Dias, S. S., Santos, M. J., Mendes, J. M., Coelho, P. S., Branco, J. C., & Canhão, H. (2018). Challenges of Ageing in Portugal: Data from the EpiDoC Cohort. *Acta Medica Portuguesa*, *31*(2), 80–93. https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/9817

Ruiz-Chila, M. M., Pimentel-Estupiñán, W. E., Ontaneda-Alban, K. T., Cedeño-Mera, M. M., & Cheme-Cotera, N. Y. (2023). El cambio en las relaciones entre padres hijos en la sociedad actual y su impacto en la educación de los adolescentes. *Ibero-American Journal of Education & Society Research*, *3*(1), 31–36. https://edsociety.iberojournals.com/index.php/IBEROEDS/article/view/597

Sadruddin, A. F. A., Ponguta, L. A., Zonderman, A. L., Wiley, K. S., Grimshaw, A., & Panter-Brick, C. (2019). How do grandparents influence child health and development? A systematic review. *Social Science & Medicine*, *239*(112476), 112476. https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0277953619304691

Sarı E. (2023). Multigenerational Health Perspectives: The Role of Grandparents' Influence in Grandchildren's Wellbeing. *International Journal of Public Health*, *68*. https://www.ssph-journal.org/journals/international-journal-of-public-health/articles/10.3389/ijph.2023.1606292/full

Silverstein, M., & Long, J. D. (1998). Trajectories of Grandparents' Perceived Solidarity with Adult Grandchildren: A Growth Curve Analysis over 23 Years. *Journal of Marriage and the Family*, *60*(4), 912. https://doi.org/10.2307/353634

Soares, J. M., Gomes, L., Oliveira, M. L. C., & Salmazo, H. S. (2019). Atitudes sobre a velhice: Infância, adolescência, avós e a intergeracionalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(2), 147-165. https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v11n2/11.pdf

Soliz, J., & Harwood, J. (2006). Shared Family Identity, Age Salience, and Intergroup Contact: Investigation of the Grandparent–Grandchild Relationship. *Communication Monographs*, *73*(1), 87–107. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03637750500534388

Szinovacz, M. E. (1998). Intergenerational relationships: Family and society. *Journal of Marriage and Family*, 60(4), 1045-1058.

https://www.researchgate.net/publication/46455069_Intergenerational_Relationships

Tsai, F.-J., Motamed, S., & Rougemont, A. (2013). The protective effect of taking care of grandchildren on elders' mental health? Associations between changing patterns of intergenerational exchanges and the reduction of elders' loneliness and depression between 1993 and 2007 in Taiwan. *BMC Public Health*, *13*(1). https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-13-567

United Nations. (2017). *World Population Ageing 2017*. https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WPA2017_Report.pdf

Viejo, C., Gómez-López, M., & Ortega-Ruiz, R. (2018). Adolescents' Psychological Well-Being: A Multidimensional Measure. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *15*(10). https://www.mdpi.com/1660-4601/15/10/2325

Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N., & Montero, I. (2017). *Educação Intergeracional como promotora do envelhecimento ativo: Estudo de uma comunidade local*. https://www.ugr.es/~reidocrea/6-10.pdf

Anexo 1 – Consentimento Informado

Relação entre avós-netos e o bem-estar nos netos

CONSENTIMENTO INFORMADO

Este estudo tem por objetivo avaliar a perceção da relação avós-netos e sua relação com o bem-estar. A sua participação consiste, primeiro no preenchimento de um questionário online, com uma duração aproximada de 15 minutos. O estudo é realizado sob coordenação da Prof.ª Sibila Marques (sibila.marques@iscte-iul.pt), que poderá contactar caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário. A sua participação será muito valorizada e não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. As suas respostas vão contribuir para o aumento do conhecimento sobre as relações entre avós e netos e seus impactos no bem-estar. A participação neste estudo é estritamente voluntária: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também anónima e confidencial. Os dados destinam-se apenas a tratamento estatístico e divulgação científica e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar. Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo:

ACEITO ☐

NÃO ACEITO ☐

Se aceitar participar, por favor clique no botão no canto inferior direito da página, e avance para a página seguinte. O preenchimento do questionário presume que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo participar. o Dou o meu consentimento, iniciar o estudo (1) o Não dou o meu consentimento, não desejo participar no estudo (2) GRQ (Soliz&Har, 06) Para dar início ao nosso questionário, gostaríamos de explorar alguns campos que nos ajudarão a obter uma compreensão mais abrangente sobre si.

Anexo 2 – Guião do questionário

Relação entre avós-netos e o bem-estar nos netos

Início do bloco: Demographics

Quebra de página

Consent CONSENTIMENTO INFORMADO Este estudo tem por objetivo avaliar a perceção da relação avós-netos e sua relação com o bem-estar. A sua participação consiste, primeiro no preenchimento de um questionário online, com uma duração aproximada de 15 minutos. O estudo é realizado por Andreia Lima (andreiaferreiralima@icloud.com), sob coordenação da Prof.ª Sibila Marques (sibila.marques@iscte-iul.pt), que poderá contactar caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário. A sua participação será muito valorizada e não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. As suas respostas vão contribuir para o aumento do conhecimento sobre as relações entre avós e netos e seus impactos no bem-estar. A participação neste estudo é estritamente voluntária: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também anónima e confidencial. Os dados destinam-se apenas a tratamento estatístico e divulgação científica e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar. Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo: Se aceitar participar, por favor clique no botão no canto inferior direito da página, e avance para a página seguinte. O preenchimento do questionário presume que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo participar.

- ○ Dou o meu consentimento, iniciar o estudo (1)
- ○ Não dou o meu consentimento, não desejo participar no estudo (2)

GRQ (Soliz&Har, 06) Para dar início ao nosso questionário, gostaríamos de explorar alguns campos que nos ajudarão a obter uma compreensão mais abrangente sobre si.

GRQ (Soliz&Har, 06) Qual o seu género?

- ○ Masculino (1)
- ○ Feminino (2)
- ○ Outro (3)
- ○ Prefiro não dizer (4)

Quebra de página

GRQ (Soliz&Har, 06) Qual é a sua idade?

_____

Quebra de página

GRQ (Soliz&Har, 06) Tem Nacionalidade Portuguesa?

- ○ Sim (1)
- ○ Não (2)

Quebra de página

GRQ (Soliz&Har, 06) Tem Nacionalidade Portuguesa?

- ○ Sim (1)
- ○ Não (2)

Quebra de página

Quebra de página

GRQ (Soliz&Har, 06) Gostaríamos de saber qual é o seu grau de instrução mais elevado ou em que ano de escolaridade deu como concluído os seus estudos. ? (Caso opte pela alternativa "Outra", por gentileza, especifique qual?)

- ○ Ensino Básico (1)
- ○ Ensino Secundário (2)
- ○ Licenciatura (3)
- ○ Pós-graduação (4)
- ○ Mestrado (5)
- ○ Doutoramento (6)
- ○ Outra. Qual? _____ (7)

_____

GRQ (Soliz&Har, 06) Qual é o seu estado civil?

- ○ Solteiro (nunca casado) (1)
- ○ Casado (2)
- ○ União de Facto (3)
- ○ Viúvo (4)
- ○ Divorciado (5)
- ○ Separado (6)

GRQ (Soliz&Har, 06) Algum dos seus avós está presente na sua vida?

- ○ Sim (1)
- ○ Não (2)

Quebra de página

Quebra de página

GRQ (Soliz&Har, 06) Qual dos seus Avós é a sua figura de referência? Se identificar "outro" cujo a sua idade seja igual ou superior a 65 anos, diga por favor quem (Ex: tio(a), amigo(a), etc... Por favor não identifique o nome).

- [ ] Avô Materno (1)
- [ ] Avó Materna (2)
- [ ] Avô Paterno (3)
- [ ] Avó Paterna (4)
- [ ] Outro com mais de 65 anos.

Quem?_____ (5)
_____

GRQ (Soliz&Har, 06) Este(a) avô/avó criou-o(a)?

- ○ Sim (1)
- ○ Não (2)

Q34 Se não tem avôs, quem é a pessoa com mais de 65 anos com quem se dá melhor? (Por favor, especifique qual, não identificando o nome) por favor, responda a este questionário pensando sempre nesta pessoa.

_____

Q35 Como descreve esse(a) avo/avó com quem se dá melhor? (e.g., simpático, disponível, amigo, divertido, etc...)

_____

GRQ (Soliz&Har, 06) Com que frequência está com esse(a) avô/avó? Indique a sua resposta numa escala de 1 a 6, em que 1 significa "Todos os dias" e 6 "Menos de uma vez por ano".

	1 - Todos os dias (1)	2 - Todas as semanas (2)	3 - Todos os meses (3)	4 - Algumas vezes por ano (4)	5 - Uma vez por ano (5)	6 - Menos de uma vez por ano (6)
Com que frequência está com esse(a) avô/avó? (1)	○	○	○	○	○	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Quão satisfeito está com o relacionamento com esse(a) avô/avó? Indique a sua resposta numa escala de 1 a 5, em que 1 significa "Muito Insatisfeito" e 5 "Muito Satisfeito".

	Quão satisfeito está com o relacionamento com esse(a) avô/avó? (1)
1- Muito insatisfeito (1)	○
2- Insatisfeito (2)	○
3- Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	○
4- Satisfeito (4)	○
5- Muito Satisfeito (5)	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Pense na relação e participação que tem com este(a) avô/avó e responda às seguintes perguntas, utilizando a seguinte escala de resposta, "Sim" e "Não".

	Sim (1)	Não (2)
1 - Este(a) avô/avó pede-lhe ajuda com as tarefas que está a fazer? (1)	○	○
2 - Ajuda este(a) avô/avó com os seus recados e tarefas domésticas? (2)	○	○
3 - Pede ajuda a este(a) avô/avó com tarefas que esteja a fazer? (3)	○	○
4 - Quando era mais novo, foi educado por este(a) avô/avó? (4)	○	○
5 - Discute os seus problemas com este(a) avô/avó? (5)	○	○
6 - Este(a) avô/avó dá-lhe conselhos? (6)	○	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Pense agora na sua família e neste(a) avô/avó e indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “Discordo Totalmente” e 5 “Concordo Totalmente”

	1 - Discordo totalmente (1)	2 - Discordo (2)	3 - Nem concordo, nem discordo (3)	4 - Concordo (4)	5 - Concordo totalmente (5)
1 – Tenho orgulho de pertencer à mesma família que este(a) avô/avó. (1)	○	○	○	○	○
2 – A família que partilho com este(a) avô/avó não é assim tão importante para mim. (2)	○	○	○	○	○
3 – Acima de tudo, penso neste(a) avô/avó como membro da minha família. (3)	○	○	○	○	○
4 – Este(a) avô/avó é um membro importante da minha família. (4)	○	○	○	○	○
5 – Sinto que somos membros de uma família. (5)	○	○	○	○	○
6 – Sinto que somos membros de famílias diferentes. (6)	○	○	○	○	○

7 – Os meus pais e este(a) avô/avó dão-se bem. (7)	○	○	○	○	○
8 – Em geral, os meus pais incentivam-me a ter uma relação com este(a) avô/avó. (8)	○	○	○	○	○
9 – Os meus pais lembram-me de telefonar, escrever e/ou enviar um e-mail a este(a) avô/avó. (9)	○	○	○	○	○
10 – Os meus pais pedem-me para ir com eles, quando vão visitar este(a) avô/avó. (10)	○	○	○	○	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Este(a) avô/avó desempenhou um papel significativo na sua educação?

○ Sim, passava sempre o tempo livre na sua casa (1)

○ Sim, sempre que eu ia para casa para não ficar sozinho(a), ele/ela vinha ficar comigo. (2)

○ Sim (3)

○ Não, mas estávamos sempre em contato (4)

○ Não (5)

Quebra de página

proavós(Peixoto, 15) Utilize a escala de 1 a 5 e marque a opção que melhor indica a sua resposta:

	1 - Nunca (1)	2 - Ocasionalmente (2)	3 - Bastantes vezes (3)	4 - Muitas vezes (4)	5 . Sempre (5)
1 -O/A meu/minha avô/avó dá-me dinheiro. (1)	○	○	○	○	○
2 - O meu/minha avô/avó vem até minha casa para estar comigo (2)	○	○	○	○	○
3 - Conto ao meu/minha avô/avó os meus problemas e preocupações. (3)	○	○	○	○	○
4 - O meu/minha avô/avó faz-me companhia quando estou sozinho. (4)	○	○	○	○	○
5 - Quando os meus pais não estão, o meu/minha avô/avó vem ter comigo. (5)	○	○	○	○	○
6 - Quando tenho que tomar uma decisão minha importante, peço ao meu/avô/avó a sua opinião. (6)	○	○	○	○	○

7 - O meu/minha avô/avó permite-me coisas que os meus pais não me permitem. (7)	○	○	○	○	○
8 - Sinto-me bem quando estou com o meu/minha avô/avó. (8)	○	○	○	○	○
9 - O meu/minha avô/avó dá-me presentes. (9)	○	○	○	○	○
10 - Se tivesse tempo mais livre, passaria mais tempo com o meu/minha avô/avó. (10)	○	○	○	○	○
11 - Aprecio o tempo que passo com o meu/minha avô/avó. (11)	○	○	○	○	○
12 - O meu/minha avô/avó faz-me sentir mais adulto. (12)	○	○	○	○	○
13 - O meu/minha avô/avó influencia a maneira como me sinto comigo mesmo. (13)	○	○	○	○	○

BEstar (Diener, 85) Utilize a escala de 1 a 5 e marque a opção que melhor indica a sua resposta:

	1 - Discordo muito (1)	2 -Discordo um pouco (2)	3 -Não concordo nem discordo (3)	4 - Concordo um pouco (4)	5 - Concordo muito (5)
A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse (1)	○	○	○	○	○
As minhas condições de vida são muito boas (2)	○	○	○	○	○
Estou satisfeito(a) com a minha vida (3)	○	○	○	○	○
Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida que eu desejaria (4)	○	○	○	○	○
Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada (5)	○	○	○	○	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Considerando o relacionamento com este(a) avô/avó, responda às seguintes afirmações utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “De modo nenhum” e 5 “Muito”.

	1 - De modo nenhum (1)	2 (2)	3 (3)	4 (4)	5 - Muito (5)
1 – Quão consciente está da diferença de idades entre si e este(a) avô/avó? (1)	○	○	○	○	○
2 – Quantas vezes pensa na idade deste(a) avô/avó quando comunica com ele(a)? (2)	○	○	○	○	○
3 – A idade importa muito quando está a comunicar com este(a) avô/avó? (3)	○	○	○	○	○
4 – Até que ponto este(a) avô/avó é típico(a) de adultos mais velhos? (4)	○	○	○	○	○
5 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o ouvir quando estiver mesmo zangado com outras pessoas? (5)	○	○	○	○	○

6 – Até que ponto pode pedir conselhos a este(a) avô/avó sobre problemas seus? (6)	○	○	○	○	○
7 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o distrair dos seus problemas quando estiver em situações de muito stress? (7)	○	○	○	○	○
8 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o ajudar a solucionar um problema? (8)	○	○	○	○	○
9 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o apoiar caso um familiar muito próximo de si falecesse? (9)	○	○	○	○	○

10 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para lhe dar opiniões honestas, mesmo quando não as quer ouvir? (10)	○	○	○	○	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Pense numa conversa típica que tem com este(a) avô/avó e responda às seguintes afirmações, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa "De modo nenhum" e 5 "Muito".

	1 - De modo nenhum (1)	2 (2)	3 (3)	4 (4)	5 - Muito (5)
1 – Com que frequência expressa os seus sentimentos a este(a) avô/avó. (1)	○	○	○	○	○
2 – Quanta informação pessoal fornece a este(a) avô/avó. (2)	○	○	○	○	○
3 – Quão pessoal é a informação que fornece a este(a) avô/avó. (3)	○	○	○	○	○
4 – Quanto dos seus sentimentos é que este(a) avô/avó partilha consigo. (4)	○	○	○	○	○
5 – Quanta informação pessoal é que este(a) avô/avó lhe fornece. (5)	○	○	○	○	○
6 – Quão pessoal é a informação que este(a) avô/avó lhe fornece. (6)	○	○	○	○	○

GRQ (Soliz&Har, 06) Pensando ainda na relação e participação que tem com este(a) avô/avó responda às seguintes perguntas, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa "Muitas vezes" e 5 "Nunca"

	1 - Muitas vezes (1)	2 - Às vezes (2)	3 - Raramente (3)	4 - Uma ou duas vezes (4)	5 - Nunca (5)
Com que frequência acha que os seus pais consultam este(a) avô/avó quando querem tomar uma decisão que o envolva? (1)	○	○	○	○	○
Com que frequência este(a) avô/avó o corrige quando faz alguma coisa que ele(a) desaprove? (2)	○	○	○	○	○

Fim do bloco: Demographics

Início do bloco: Bloco 1

Q28 DEBRIEFING/EXPLICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO Muito obrigado pela sua participação. Conforme indicado no início, este estudo incide sobre as relações intergeracionais avós-netos e pretende através de um questionário on-line recolher informação abordando a percepção que os jovens têm sobre as suas relações com os avós e de que modo estas estão associadas com a satisfação familiar e com a satisfação com a vida, podendo contribuir para o aumento do conhecimento nesta temática. Caso tenha necessidade ou interesse, disponibilizamos a ligação para recursos e serviços de apoio, incluindo ao nível da saúde mental: https://www.sns24.gov.pt/servico/aconselhamento-psicologico-no-sns-24/ Reforçamos os dados de contacto que pode utilizar caso pretenda esclarecer alguma dúvida, partilhar algum

comentário, ou manifestar o seu interesse em receber informação sobre os principais resultados e conclusões do estudo: Andreia Lima (andreiaferreiralima@icloud.com), Prof.ª Dr.ª Sibila Marques (sibila.marques@iscte-iul.pt) e Prof.ª Drª Lígia monteiro (ligia.monteiro@iscte-iul.pt). Mais uma vez, obrigado pela sua participação.

Fim do bloco: Bloco 1